



EM BRASÍLIA

Um enredo cheio de enganos

A princípio, Tancredo era o teimoso; depois teimaram os médicos

Quando, dia 13 último, Tancredo Neves chegou ao prédio da Fundação Getúlio Vargas, na L-2 Norte, para anunciar os nomes de seu Ministério, aparentava normalidade. Entretanto, desde o dia 10, domingo, sofria os primeiros sintomas do mal que acabaria por levá-lo ao Hospital de Base, às vésperas da posse e submetê-lo a três cirurgias. A princípio, pensou-se em uma gripe, a seguir numa crise de apendicite.

Por fim, constatou-se, já no hospital: diverticulite de Meckel. A idade avançada do paciente e não esclarecidos contratempos médicos acabariam por colocar, por duas vezes, em risco a vida do Presidente. Os boletins médicos e as declarações de parentes e políticos mais íntimos, no entanto, esconderam, durante dias, essa circunstância. Tal estratégia não melhorou a saúde do presidente. E, de quebra, tornou enferma a credibilidade da Nova República.

As 21 horas de terça-feira, 12, sentindo fortes pontadas na barriga, além de dores de garganta, um Tancredo apreensivo ligou para o Dr. Renault Mattos Ribeiro, médico da Câmara dos Deputados e que o assistia há mais de 20 anos.

— Dr. Renault, estou com fortes dores no estômago e na garganta — queixou-se o Presidente.

Ato contínuo, o médico rumou para o Granja do Riacho Fundo. Lá, constatou que a barriga de Tancredo doía quando era apalpada e que ele tinha febre.

— O Sr. está com um processo infeccioso no estômago e um princípio de gripe — imanou o médico.

— Eu não posso ficar gripado e muito menos com uma infecção. E você sabe disso — rebelou-se o paciente.

Nesse diálogo inicial, começaram os problemas de Tancredo, dos médicos e da Nova República. O Dr. Renault lutava em diversas frentes. Numa, em busca de reforço médico, preocupado em diagnosticar o mal do Presidente. Noutra, contra o relógio: dali a três dias, seria a posse. Por fim, contra a rebeldia do próprio paciente, que insistia em conciliar cronologicamente sua enfermidade com o calendário político. Tancredo teimava em tomar posse. E argumentava: "Depois, vocês podem fazer o que quiserem comigo".

Os exames, porém, revelavam que o quadro clínico era perigoso. Dr. Renault insistia na necessidade de internação imediata. Mas o ilustre paciente mantinha-se inflexível. Na mesma terça-feira, o exame de sangue acusava números anormais nos registros de leucócitos (células brancas da corrente sanguínea, que agem como anticorpos). Tancredo registrava uma taxa de 10 mil, quando o normal é de seis mil. Esse aumento da taxa era apenas uma reação do organismo a um processo infeccioso já avançado. Dr. Renault, diante da resistência do paciente de internar-se já, tentou um processo terapêutico: ministrou-lhe doses pesadas de antibióticos.

Na manhã seguinte, o quadro era assustador: os leucócitos já eram 12 mil (duas vezes a taxa normal) e o processo infeccioso se alastrava. Dr. Renault, assustado, voltou a insistir:

— Presidente, a infecção está piorando. Os sintomas se parecem com apendicite. O Sr. terá de ser operado, pois, nesse estado, os antibióticos já não resolvem.

A teimosia do Presidente, no entanto, não cedia:

— Eu só posso ser operado depois da posse. E você vai dar um jeito de embromar essa infecção.

Tancredo, na verdade, já vinha embromando, por conta própria, a molestia. Só que sem efeitos positivos. Ingerira, à revelia do Dr. Renault, doses maciças do poderoso antibiótico Keflex. O médico, porém, acabou descobrindo o expediente. E protestou:

— O abdômen é uma caixa de surpresas. E o Sr. sabe que isso é perigoso!

INTERNAÇÃO

Enquanto tudo isso se passava, o Dr. Renault, tentando aparentar tranquilidade, informava aos jornalistas que tudo ia bem e que o Presidente tinha apenas uma incômoda, mas passageira, gripe. Era apenas a primeira de uma longa série de contra-informações, que cercaram todo o episódio, inquietando a opinião pública. Na quarta-feira, o Dr. Renault, sob forte esquema de sigilo, levou o Presidente ao Centro Radiológico de Brasília. Lá, foi feito um exame de sonografia do abdômen, em que a barriga do Presidente foi prescrutada por um sensor, que produzia, num monitor de TV, o retrato do intestino. Com clareza, identificou-se a área infeccionada, no formato de uma ampola. Concluiu-se que era apendice. Não era.

Ao lado disso, o último hemograma era assustador: acusava nada menos que 14 mil leucócitos. Traduzindo: a infecção alastrava-se veloz e perigosamente. Mesmo assim, Tancredo continuava a imaginar que poderia embromar a doença por mais 24 horas. Não podia. De qualquer forma, naquela quinta-feira, véspera da posse, Tancredo manteve as aparências. Confinou-se na Granja do Riacho Fundo e, no início da noite, foi à missa na Igreja Dom Bosco. Não exteriorizava nada de anormal. O presidente da Câmara, Ulysses Guimarães, já estava informado pelo médico Renault do que se passava com o Presidente. O senador Fernando Henrique Cardoso — que na véspera jantara com Tancredo na Granja — estava cismado. Afinal, dona Risoleta fiscalizara com rigor anormal o menu do marido: canja. E proibiu-o de beber vinho.

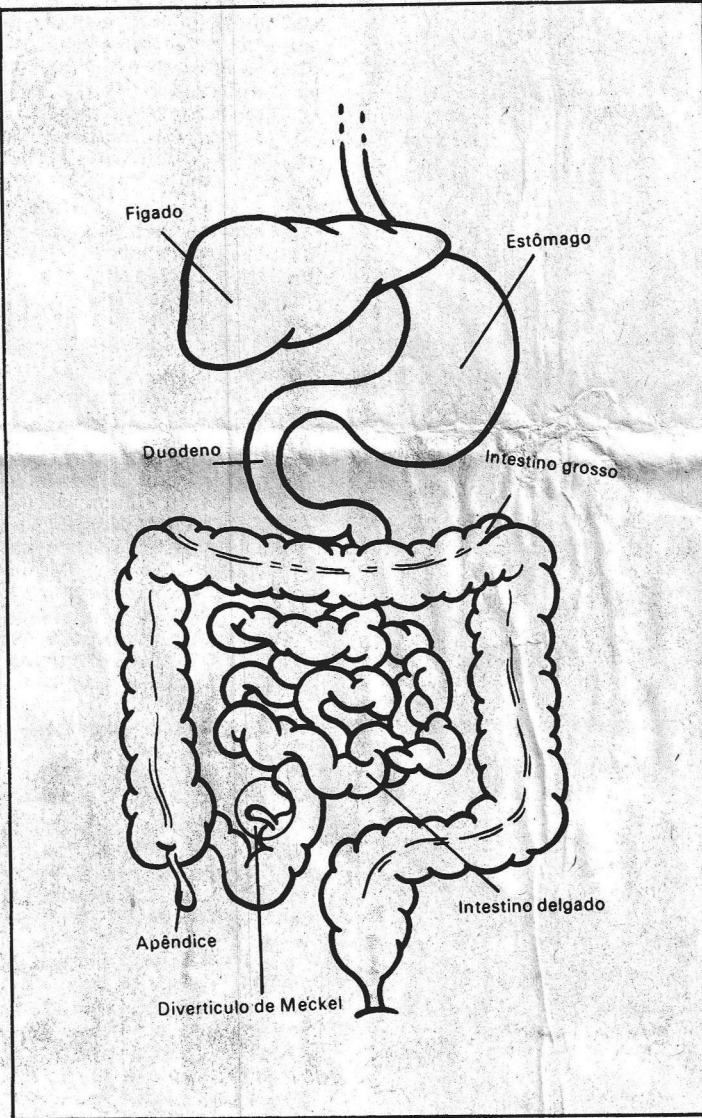
A noite, após a missa, antes mesmo de chegar à Granja, as dores na barriga voltaram com contundência redobrada. O Presidente assistiu ao noticiário de televisão, reclamou muito e foi jantar. Tão logo terminou e levantou-se, sentiu contrações agudas. Quase desfaleceu, mas ainda teve forças para gritar:

— Chamem o Dr. Renault!

O médico já previa essa circunstância. E já tomara suas providências. Desde a manhã de quarta-feira, havia reservado o centro cirúrgico, no segundo andar do Hospital de Base e alertara o cirurgião Francisco Pinheiro da Rocha para que se mantivesse a postos. Ao chegar no Riacho Fundo, o Dr. Renault estava disposto a ignorar os apelos de Tancredo e as conveniências protocolares da Nova República. E assim o fez. O paciente não reagiu. Fez apenas um pedido:

— Avise o Aluísio Alves (ministro da Administração). No Hospital, um último — e inútil — apelo:

— Faltam poucas horas para a posse. Eu opero depois da posse.



Tancredo temia complicações institucionais. Receava que, sendo-lhe impossível tomar posse, esta também seria negada a seu vice. O País, então, mergulharia em apreensões, geradas pela vacância de poder.

Os médicos, porém, estavam indiferentes ao problema institucional. Concentravam-se no organismo do Presidente. Tancredo insistia: — Falta pouco. Eu opero depois da posse.

O Dr. Pinheiro da Rocha ponderava:

— Essa infecção pode explodir: O Sr. vai se expor sem necessidade!

O Dr. Renault reforçava: — A Nação precisa do Sr. por muito tempo, mas pode ficar sem o Sr. por uma semana.

Tancredo, num último apelo, ainda teimava:

— Você está com medo de que eu morra? Eu assino um documento isentando você de culpa.

— Não, Presidente — disse o Dr. Renault —, não vou andar por aí, com um documento do Sr. mostrando-o para todo mundo. Isso não faz sentido. Encerrou o assunto.

COMPLICAÇÕES

A partir de então, têm início as complicações do paciente, as contra-informações médicas e as apreensões da opinião pública. Operado em circunstância emergencial, Tancredo não pôde ter um pré-operatório adequado. Este constaria de uma rígida dieta de líquido nas 24 horas que antecedem a cirurgia. Tancredo ingerira sólidos no dia da cirurgia. Assim, a lavagem intestinal a que se submeteu não impediu que alimentos continuassem a passar para o

intestino. Feita a cirurgia, houve complicações. Formaram-se bolsões de pus. E as funções do intestino cessaram completamente. Os gases pressionaram as paredes do intestino e as tripas, causando fortes dores e deformando a barriga do paciente.

Os boletins médicos, no entanto, insistiam na linha do otimismo desenfreado. Somente na cirurgia os médicos constatarem que se tratava de diverticulite de Meckel — um pedaço do intestino e se forma nos embriões e desaparece depois do nascimento da criança em 98 sobre cada 100 casos. Tancredo estava nos 2% dos casos em que essa tripa não desaparece e, ao contrário, corre o risco de inflamar. Por ironia, inflamou 48 horas antes da posse.

Os médicos temiam — mas os boletins sequer remotamente insinuavam isso — que tivesse havido uma perfuração da parede intestinal, que ocasionaria uma peritonite. Não houve. O pedaço de intestino inflamado — no formato de um mamão papala e do tamanho de um limão galego — estava selado. O divertículo supurava, mas a inflamação parecia limitada. Os médicos imaginaram que o problema tinha tão-somente aquela dimensão. E sentiram-se aliviados. As complicações — não poucas — viriam depois. Cortou-se o divertículo, suturou-se o orifício do corte. Mas os boletins médicos omitiriam um detalhe nada irrelevante: o Presidente fora submetido a uma colostomia, que é um desvio do aparelho digestivo, por meio de uma incisão no ventre, através da qual são desviadas as fezes. Na sexta-feira, o Presidente tinha uma sonda que desviava o curso de seu aparelho digestivo. E ainda: havia um tumor benigno no divertículo, fato igualmente sonegado à imprensa.

Enquanto os boletins acusavam "progressivas melhoras" e "o paciente está bem", os médicos preocupavam-se com a paralisia total do intestino do Presidente. E diante das disfunções orgânicas — parada respiratória, pneumonia, septicemia (inflamação generalizada) — inclinavam-se para uma segunda cirurgia. O receio era óbvio: duas anestésias gerais, no intervalo inferior a uma semana, num paciente idoso produzem riscos óbvios. Dia 21, porém, a decisão foi tomada: o Presidente seria novamente operado.

Entre a primeira e a segunda cirurgia, no entanto, o Presidente viveria lenta agonia. Suas complicações pós-operatórias começaram na noite de sábado, 16. Os médicos o imaginavam tão bem que decidiram retirar a sonda nasogástrica — um tubo que vai do nariz ao estômago para drená-lo —, colocada durante a cirurgia. Decisão precipitada. À noite, Tancredo vomitou. Os médicos, assustados, tentaram recolocar a sonda. O paciente, porém, tinha uma hernia de hiato — dilatação da passagem do esôfago para o estômago. E o tubo não passava. Somente às sete horas da manhã seguinte — com Tancredo dopado por dois comprimidos de Valium e uma ampola de atropina —, a sonda desceu. Detalhe: a atropina era uma droga de alto risco para o paciente, pois poderia intensificar a formação de gases e induzir a uma distensão abdominal. Foi o que ocorreu. À tarde, o Presidente começou a tossir. Auscultados os seus pulmões, constatou-se excesso de secreção. O Dr. Renault constatou pneumonia e parada respiratória. Seu erro: comunicou a complicação à imprensa. Foi seriamente advertido pelo chefe do Gabinete Civil, José Hugo Castello Branco. E, a partir daí, ficaria em segundo plano em todo o processo.

Na noite de domingo, decidiu-se que seria convocada uma junta médica de notáveis do eixo Rio-São Paulo-Minas. A junta assumiu os destinos do paciente já na segunda. Na terça, o comando das ações era do cirurgião paulista Walter Pinotti. Coube-lhe radicalizar a tendência otimista dos boletins. Na quarta-feira, considerou, em entrevista à TV, "admirável" o quadro clínico do Presidente. Na quinta, Pinotti e seus colegas decidiam: haveria a segunda cirurgia.

A partir daí, a opinião pública começava a desconfiar dos boletins, dos médicos, dos políticos e dos parentes do Presidente. E cresciam os rumores de que tudo ia mal. O presidente em exercício, José Sarney, na quinta-feira mesmo, conversou por telefone com todos os governadores e despachou, à tarde, com todos os ministros militares. Preparava-se para o pior. Na sexta, os boletins médicos não mudavam: o paciente estava excelente. O quadro se repetiria no sábado e no domingo, quando então cresceram as exigências: se tudo está bem, por que não se tira uma foto? A pergunta, na verdade, estava sendo feita desde o início. Mas a segunda cirurgia tornou-a mais incômoda. Finalmente, na segunda-feira, providenciaram-se as fotos. E, na terça — enquanto Tancredo submetia-se à terceira cirurgia, já removido ao Instituto do Coração, em São Paulo, no início da manhã — os jornais de todo o país estampavam as fotos de um sorridente e corado Presidente, ao lado dona Risoleta e da equipe médica. E as manchetes enfim concordavam: "Tancredo assume dia 29".